

A marcação de pluralidade no SN em contexto predicativo do noroeste paulista

(The plural NP in predicative position in northwestern São Paulo)

Mircia Hermenegildo Salomão¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

mirciah@yahoo.com.br

Abstract: This paper aims to examine both the competing linguistic and extra linguistic motivations marking NP plurality in the Portuguese spoken in the area of São José do Rio Preto. It focuses on the plurality of predicative structures, whose nucleus can be occupied by adjectives, passive participles, and nouns alone. The main theoretical hypothesis that this research formulates tries to substantiate the absence of the nominal-agreement plurality phenomena through the methodological explanation regarding the repetition of structures in formal parallelism, as observed in the studies by Scherre (1991).

Keywords: predicative; formal parallelism

Resumo: Este trabalho procura examinar as motivações (linguísticas e extralinguísticas) em competição na indicação de pluralidade do SN na variedade falada em São José do Rio Preto. O seu foco incide sobre a pluralidade nas estruturas predicativas, cujo núcleo pode ser ocupado por adjetivos, participípios passivos e substantivos isolados. A principal hipótese teórica dessa pesquisa é a de confirmar se a ausência de marcas de pluralidade em fenômenos de concordância nominal tem sua explicação metodológica situada na repetição de estruturas em paralelismo formal, como foi visto nos estudos de Scherre (1991).

Palavras- Chave: predicativo; paralelismo formal

1. Comentários Iniciais

A partir da década de 80 houve um desenvolvimento acentuado do estudo das relações de concordância no português do Brasil. A partir dos estudos da variação na marcação de pluralidade no português, sob o enfoque sociolinguístico, com os trabalhos realizados na esteira da pesquisa pioneira de Poplack (1980) para o espanhol americano, passou a ser possível formular princípios restritivos de natureza linguística e extralinguística na aplicação de regras variáveis, como a concordância. Essa regra é, muitas vezes, motivada por mecanismos de erosão fonológica, como processos de redução e/ou supressão consonantal, entre os quais se enquadra apagamento da marca de plural realizada por uma das pronúncias do arquifonema fricativo / S /.

A pesquisa sociolinguística e a dialetológica têm demonstrado que há outros fatores, que não são apenas semânticos e gramaticais, capazes de acelerar o processo de redução, como os fatores de natureza externa ao sistema linguístico. Dessa maneira, os fatores sociais (grau de escolaridade, faixa etária e gênero), juntamente com os fatores internos, gramaticais, permitem acionar e acelerar o processo de redução de segmentos fonológicos, sendo extremamente relevantes para os estudos da concordância nominal e da variedade não-padrão.

É possível que os processos fonológicos de redução de segmentos fonológicos, como o de marcação de número no SN, tenham sido acelerados por conta da redundância desse mecanismo flexional, com a presença de marca formal de plural em todas as palavras constituintes de um sintagma. Apesar dessa característica sintática, a

variante padrão concorre, na prática quotidiana, com sentenças alternativas em que a indicação de pluralidade pode ocorrer num único constituinte, geralmente o que se localiza mais à esquerda do SN sujeito e, portanto, mais à esquerda da estrutura sentencial como um todo.

Dessa maneira, é plenamente justificável estudar um tipo de variação como a marcação de pluralidade no predicativo, que não provoca qualquer perturbação no valor funcional da sentença, considerando principalmente que ele tem uma alta incidência de uso numa variedade dialetal ainda não investigada, como a que se fala na região de São José do Rio Preto. Para tanto, será usado aqui como amostra o banco de dados Iboruna, que registra uma variedade inédita do português brasileiro, ainda não explorada pela pesquisa sociolinguística, que é o português falado numa parte da região noroeste do estado de São Paulo, nucleado em torno de São José do Rio Preto.

A proposta deste trabalho é examinar as motivações (linguísticas e extralinguísticas) em competição na indicação de pluralidade do SN na variedade falada em São José do Rio Preto. O foco desta pesquisa incide sobre a pluralidade no sintagma nominal em função de predicativo, cujo núcleo pode ser ocupado por adjetivos, participípios passivos e substantivos isolados. Descarta-se o enfoque de SNs predicativos com mais de um constituinte por conta da dificuldade de medir o grau de saliência fônica de estruturas com diversos constituintes. A principal hipótese teórica é a de confirmar se a ausência de marcas de pluralidade em fenômenos de concordância nominal tem sua explicação metodológica situada na repetição de estruturas em paralelismo formal.

2. A marcação de pluralidade

De acordo com o português culto do Brasil, os fenômenos de concordância de número são considerados obrigatórios e redundantes, já que repetem as marcas contendo a mesma informação em pontos diversos da cadeia sintagmática. Segundo a tradição gramatical, temos que:

Na concordância dentro do SN, colocam-se marcas explícitas de plural em todos os seus elementos flexionáveis quando o núcleo do sintagma for formalmente plural; na concordância do predicativo com o sujeito, repetem-se marcas formais de plural em todos os elementos flexionáveis dos predicativos quando o sujeito for formalmente plural; e na concordância verbal, colocam-se marcas explícitas de plural no verbo, quando o sujeito for formalmente plural ou quando for composto. (SCHERRE, 1997, p. 182)

No entanto, sabe-se que a concordância de número é uma variação marcada pela identidade social do falante e por motivações emanadas do contexto social. Dessa maneira, as pessoas não usam a CN porque simplesmente têm baixo nível de escolaridade e, desse modo, não passaram pela pressão normativa da escola, ou ainda não usam a concordância, em todos os momentos, visto que estão num contexto social mais informal, por exemplo, em um ambiente familiar. Assim, o modo categórico como a tradição gramatical concebe a variação de pluralidade não se aplica de fato ao uso da língua no contexto social.

Como se sabe, à medida que a língua varia, é possível expressar um mesmo

enunciado de modo diferente sem mudar o seu significado, como nas sentenças contidas em (1)

(1) (a) os orelhão (Ø) de lá não é igual (Ø) aqui (AC029/NE/L.069)

(b) Os orelhões de lá não são iguais aos daqui

Na alternativa contida em (1a), a marca formal de pluralidade se encontra apenas no determinante, enquanto na contida em (1b) as marcas formais de pluralidade estão presentes no determinante e no núcleo do SN sujeito e do predicativo. Apesar de as marcas não aparecerem em todos os constituintes do SN, no exemplo (1a), mesmo assim, assinala-se a noção de pluralidade sem provocar nenhuma ambiguidade quanto ao número, visto a marca aparecer no determinante.

Pode-se afirmar, então, que, de um ponto de vista funcional, a explicitação de pluralidade no determinante torna desnecessárias as marcas nos outros constituintes, uma vez que a regra de concordância nominal tem uma redundância inerente, como se vê na variante padrão representada pelo exemplo (1b). Esse modo distinto de marcar número leva à discussão de qual motivação estaria em jogo no processo de variação nominal; ou o paralelismo formal, na medida em que a indicação de pluralidade explícita, como em (1b) ou não explícita, como em (1a) levaria em conta a marcação do mesmo tipo na posição anterior; ou o princípio funcional de distintividade (KIPARSKY, 1971), na medida em que a indicação redundante a partir do constituinte marcado acionaria a desnecessidade de outras marcas subsequentes sem risco de ambiguidade referencial.

Esses exemplos permitem supor também que as formas alternativas de (1a) e (1b) podem representar a escolha de diferentes grupos sociais, de modo que haveria grupos sociais em que predominaria a escolha de SNs com marcas formais de plural e, em contraste, outros grupos sociais para os quais a presença de todas as marcas nem sempre é necessária. Segundo Lemle (1978), essa variação é motivada por fatores sociais diversos, conforme comprovam suas próprias palavras:

De um modo geral, pode-se dizer que os fatores determinantes da heterogeneidade linguística são três: geográfico, responsável pela divergência linguística entre comunidade fisicamente distantes uma da outra; o social, responsável pela divergência linguística entre distintos subgrupos de uma comunidade local, sendo fatores potencialmente distintivos a estratificação social, a faixa etária, o sexo, a ocupação profissional dos falantes, o desejo ou interesse que eles têm em manter características linguísticas que os demarquem; o registro de uso, ou nível de formalidade atribuído ao encontro pelos interlocutores, numa gama que vai desde o mais coloquial ao mais formal. (p. 61) As duas variantes estão igualmente presentes na modalidade falada do português, mas, o exemplo (1b) é a variante culta, visto que é uma forma de prestígio, usada por uma camada mais alta da sociedade, além de estar contida como a única forma correta nas gramáticas normativas e pedagógicas. Já o exemplo (1a), a variante inovadora é considerada estigmatizada, por estar contida na variedade não-padrão, que é utilizada pelas camadas menos privilegiadas socialmente.

A literatura sociolinguística tem lidado muito frequentemente com esse fenômeno de ausência e de presença das marcas formais de plural e um dos estudos pioneiros foi o desenvolvido por Poplack (1980) sobre o espanhol porto-riquenho falado nos Estados Unidos. Essa autora discute os fatores (articulatórios, semânticos e sintáticos) responsáveis pelo processo de redução e apagamento das consoantes finais, aqui reduzidos à marcação de pluralidade no SN, capazes de provocar ambiguidade na sentença, principalmente porque, em certas circunstâncias, essa variedade do espanhol

elimina todas as marcas de plural, inclusive no determinante do SN. Com a atuação desses fatores, nota-se uma diminuição da sentença redundante, que com o tempo pode levar a língua a uma reorganização morfossintática para evitar a ambiguidade entre singular e plural.

Seu trabalho mostra que o espanhol porto-riquenho favorece o apagamento numa determinada posição, a ausência de um marcador no segmento precedente, ao passo que a presença de um marcador imediatamente precedente favorece a retenção de marca. A primeira posição na sentença é a mais conservadora de todas. Afirma a autora também que fatores de natureza funcional permitem assegurar o efeito de vários tipos de informação que desfaça a ambiguidade na eliminação de redundância. Alega Poplack, no entanto, que a informação plural adicional – seja morfológica, sintática ou semântica, ou qualquer combinação dessas informações – favorece o apagamento da marca, mas quando a única possibilidade de pluralidade no SN for flexional, a marca tende a ser mantida (cf. POPLACK, 1980, p. 377).

Em suas pesquisas sobre a variação de número no português falado no Brasil, Scherre (1994) afirma que o fenômeno da variação da concordância não é restrito apenas a uma região ou classe social específica, mas caracteriza toda a comunidade de fala brasileira. A autora alega, ainda, que é possível descrever e explicar um conjunto de variáveis linguísticas e não-linguísticas que regem a sistematicidade desse fenômeno, tornando evidente a existência de um gerenciamento da variação de acordo com fatores internos, linguísticos, e de acordo com fatores externos, referentes à situação social, com a qual estamos envolvidos. Dessa forma, Scherre (1994) esclarece que o uso de marcas formais de plural será mais utilizado em ocasiões formais de fala, como numa sala de aula ou no serviço, etc. Já a variedade não-padrão será utilizada no convívio com os familiares e com a comunidade linguística do falante.

Com o resultado dos dados de sua pesquisa, de dados de fala do Rio de Janeiro, Scherre (1996) entende que, quanto maior for o grau de escolaridade de uma pessoa, tanto maior será o uso da variante de prestígio. A autora acrescenta, ainda, que as mulheres apresentam probabilidades estatísticas que evidenciam maior frequência no uso de concordância nominal do que os homens. Desse modo, o fator “sexo/gênero” exerce influência significativa sobre a aplicação da regra. Esses fatores serão objetos de nossa investigação na consideração dos dados do Iboruna.

Considerando apenas as estruturas predicativas, nota-se que, a princípio, elas devem fazer a concordância com o sujeito da oração. Como os outros tipos de SN, há uma forte tendência a se marcar os constituintes mais à esquerda ficando normalmente a marca formal no determinante. Scherre (1991) afirma que o paralelismo formal, que implica repetição, característico do discurso falado, mostrou-se como a variável mais significativa para a implementação da regra. De acordo com a autora, “a presença ou a ausência de marca de número nesses constituintes da frase está condicionada à presença ou à ausência de marcas nas formas que os precedem” (SCHERRE, 1991, p. 24-25); esta importância do paralelismo formal se repetirá nesse trabalho e esse fato será discutido posteriormente.

3. Apresentação da amostra e envelope de variação

O universo de pesquisa deste trabalho é composto por ocorrências obtidas de 95 narrativas de experiência das Amostras Censo extraídas do banco de dados Iboruna. Este banco de dados registra uma variedade do português brasileiro ainda desconhecida:

o português falado numa parte da região noroeste do estado de São Paulo, nucleado em torno de São José do Rio Preto e estendida a seis cidades vizinhas: Cedral, Bady Bassity, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol e Onda Verde.

Em comparação com outros bancos de dados, pode-se dizer que o Iboruna registra um espectro social mais amplo do que outras amostras, principalmente quando comparado ao NURC, na medida em que se controlam variáveis estratificadas como sexo/gênero, escolaridade, faixa etária e nível sócio-econômico, além de variáveis não-estratificadas, como a localização geográfica dos informantes.

Os dados do Projeto Iboruna são mais recentes, pois as entrevistas foram realizadas em 2004; há, além disso, dois tipos de amostras: a Amostra Censo e a Amostra de Interação. No entanto, preferiu-se usar apenas as Amostras Censo, visto que as de Interação não possuem variáveis sociais controladas, pois as gravações eram anônimas, feitas sem o conhecimento prévio dos informantes; conseqüentemente, os participantes das interações não constituem grupos homogêneos; pelo contrário, são indivíduos de diferentes categorias sociais, etárias e de diferentes níveis de escolaridade.

Cada entrevista do Iboruna, na Amostra Censo, é composta por cinco gêneros textuais: narrativas de experiência pessoal, relato de narrativa recontada, relato descritivo, relato de procedimento e relato de opinião. Todavia, foram utilizadas somente, como cópula de estudo, as narrativas de experiência, já que são aquelas que mais se aproximam da fala espontânea, pois os informantes contam histórias vivenciadas por eles próprios.

A constituição da amostra provém da gravação de 152 informantes, cujo perfil é determinado pela combinação de fatores sociais: gênero/sexo, escolaridade, faixa etária e classe social (renda familiar), como mostra o quadro abaixo:

Tabela 1: estratificação social do Iboruna

| <i>Variável</i> | <i>Variantes</i> |
|-----------------|---|
| 1. Sexo/ gênero | (1) masculino; (2) feminino |
| 2. Faixa etária | (1) de 07 a 15 anos; (2) 16 a 25 anos; (3) de 26 a 35 anos; (4) de 36 a 55 anos; (5) mais de 55 |
| 3. Escolaridade | (1) 1º ciclo do Ensino fundamental; (2) 2º ciclo do Ensino fundamental; (3) Ensino médio; (4) Ensino Superior |

No total foi possível trabalhar com 95 das 152 narrativas, pois foram descartadas as entrevistas de informantes que apresentavam apenas o primeiro ciclo do ensino fundamental ou idade de 07 a 15 anos. Devido a esse fato, utilizaram-se somente 95 narrativas que forneceram uma amostra total de 152 ocorrências de predicativos para o trabalho.

A investigação da marcação de pluralidade na variedade falada na região de São José do Rio Preto se restringiu à análise de um envelope de variação constituído pela variável binária “presença ou ausência de marcação de pluralidade nos constituintes dos predicativos”, formalizada como <s>; este fonema representa, por sua vez, as variantes presença ou ausência de qualquer realização fonética, com alterações morfofonêmicas, da marca de pluralidade em todos os constituintes do SN, representada pelo arquifonema /S/. Ressalta-se que, no português brasileiro, essas formas estão em competição, em geral, em posição final de palavra, visto que esse lugar apresenta grande variação devido ao potencial de enfraquecimento dessa posição, onde ocorrem supressão e apagamento do <s>.

É certo que determinados contextos favorecem uma ou outra variante. Esses contextos são chamados de fatores condicionantes. Por exemplo: na análise das 152 ocorrências, considerando a presença de marcas de plural, vê-se que o fato de o núcleo no SN com função de sujeito ocorrer sem marca explícita aciona a não marcação. O contrário também é verdadeiro, pois se o núcleo do SN sujeito estiver com as marcas, o predicativo também poderá tê-las. Observem-se os exemplos contidos em (2) e (3).

- (2) (a) as pessoa são diferente (AC 133/NE/L.096)
(b) às vezes certas administração são ruim (AC139/NE/L.112)
- (3) (a) os meus pais eram separados (AC111/NE/L.047)
(b) depois as mágoas foram tantas (AC110/NE/L.049-060)
(c) meus filhos ainda eram solteiros todos adultos formados (AC134/NE/L.060)

Vê-se que esse pode ser um fator condicionante para o uso das marcas formais de pluralidade no predicativo. Analisando-o atentamente, pode-se enquadrá-lo no princípio do paralelismo formal, em que marca leva a marca e zero leva a zero, pois esse padrão, que aparece nos exemplos acima, pode ser um fator condicionante para a presença ou ausência de marcas nas estruturas predicativas.

Outro dado que deve ser considerado como fator condicionante é a diferença de escolaridade, gênero e idade entre os informantes, pois, com certeza, as variantes vão ser preferidas de acordo com determinada faixa etária, grau de instrução e sexo.

Scherre (1997) categoriza os dados de concordância no sintagma nominal em função da saliência fônica. Em seus resultados, de forma geral, a autora conclui que os itens nominais mais salientes favorecem mais a presença de marcas explícitas de plural nos SNs. O inverso também é verdadeiro: quanto menos salientes menor a chance de haver marcas formais de plural. Essa regra também é válida para a concordância nos predicativos e participios passivos, como foi visto nos estudos da autora. Dessa forma, saliência fônica também é um fator que pode ser condicionante de presença ou ausência de plural no predicativo.

3.1. Fatores de análise

Serão enfocados, agora, os fatores que condicionam a marcação de pluralidade nas estruturas predicativas. A codificação dos dados se deu em função de nove variáveis, sendo seis linguísticas, listadas a seguir, e três sociais: gênero, nível de escolaridade e faixa etária. A análise das motivações internas levou em conta os seguintes grupos de fatores, todos já aplicados por Scherre (1991) na análise de dados da variedade carioca: (a) Variável dependente (presença ou ausência de marcas formais); (b) Paralelismo formal; (c) Paralelismo oracional: marcas do sujeito; (d) Paralelismo sintagmático: marcas do verbo; (e) Configuração estrutural do predicativo/participio; (f) Saliência fônica da oposição singular *versus* plural. Para o tratamento quantitativo dos dados analisados, usou-se um conjunto de programas computacionais apropriados, chamado de pacote estatístico *Varbrul* (SANKOFF, 1975).

4. A variação de pluralidade no predicativo

Apresentar-se-ão, a seguir, os resultados obtidos na análise dos dados do Iboruna, dos fatores linguísticos, levando em conta a atuação do paralelismo formal. No entanto, serão expostos apenas os fatores estatisticamente significativos. A tabela, a seguir, denota a relação entre um tipo de paralelismo oracional, que consiste na possível influência sobre a marcação de pluralidade no predicativo a partir das marcas formais do sujeito

Tabela 2 – Relação entre paralelismo oracional: marcas do sujeito e marca explícita de plural

| Fatores | Freq. | % | PR |
|--|--------|----|-----------------------|
| Sujeito explícito com todos os elementos nominais flexionáveis marcados; com os últimos elementos com a marca formal de plural; ou com a última marca neutralizada por contexto fonológico seguinte (4a) | 58/80 | 72 | 0,61 |
| Sujeito nulo (4b) | 9/11 | 82 | 0,84 |
| Sujeito explícito sem a(s) última(s) marca(s) formal (is) explícitas de plural ou sujeito coordenado singular (4c) | 12/36 | 33 | 0,27 |
| Sujeito explícito com marca semântica de plural (nós e numeral isolado) (4d) | 9/18 | 50 | 0,36 |
| Sujeito explícito com marca formal de plural totalmente neutralizada (4e) | 4/6 | 67 | 0,21 |
| Total | 92/151 | 61 | 0,66 (<i>input</i>) |

- (4) (a) os meus eleitores eram quadrúpedes e bicéfalos (AC146/NE/L. 44)
- (b) a meninas o pai né? um período muito longo foram embora da cidade éh esses dois anos [Ø] ficaram separados da família. (AC 040/NE/L.22)
- (c) as coisa tava praticamente resolvida as pessoa tava sendo socorrida né? Aquelas que mais machucada eu não tinha algum arranhãozinho (AC103/NE/L. 99)
- (d) (...) aí surgiu a briga... mas hoje nós é colega normal (AC 65/NE/L. 29)
- (e) (...) porque eles são todos pendurados um no outro (AC150/NE/L.129)

Os resultados acima expostos mostraram-se estatisticamente significativos, visto que esse grupo de fatores foi um dos selecionados pelo *Varbrul*. Os resultados indicam que a hipótese do paralelismo formal, defendida por Scherre (1991), também se aplica aos dados do Iboruna. Com efeito, se o sujeito contiver todas as marcas formais de plural, é alta a probabilidade de se marcar o predicativo também, como aponta o peso relativo de 0,61, que favorece a marcação.

Pelo contrário, se o sujeito se apresentar predominantemente sem as últimas marcas formais de plural, a chance de o predicativo aparecer marcado decresce para 0,27; nesse caso, esse fator favorece a ausência de marcação com um peso complementar de 0,73. Comportam-se exatamente do mesmo modo os casos em que o sujeito explícito contiver marca totalmente neutralizada, como pronomes de primeira pessoa do plural e numerais, que apresentam peso relativo de 0,36, pouco acima dos sujeitos totalmente neutralizados, mas, ainda assim, inibidor de marca explícita de plural no predicativo.

É por outro lado curioso observar que o maior peso relativo (0,84) se aplica aos casos em que o sujeito é zero. Curioso, porque contraria o Princípio do Paralelismo Formal acima referido. Se esse princípio se aplicasse de modo constante e regular, seria de esperar que sujeitos zeros acionassem ausência de marca no predicativo e, inclusive, até menos marcas que os casos submetidos a outros fatores. Todavia, a impressão que dá esse comportamento dos informantes é a de que, na ausência de marca no sujeito, alguma pluralidade tem que ser marcada em algum outro lugar da estrutura da oração e esse lugar acaba sendo o predicativo, o que trabalha em favor da preservação de informação.

Todos os resultados aqui relacionados são exatamente paralelos aos encontrados por Scherre (1991) em relação aos dados da Amostra Censo do Rio de Janeiro, com algumas diferenças pouco significativas nas médias percentuais e nos pesos relativos. Essa autora menciona a possibilidade de haver duas motivações em competição no processamento da informação de plural: o paralelismo formal agindo nos casos em que marca leva a marca e ausência leva a ausência e um processo de recuperação de plural não explícita no sujeito, que é, nesse caso, zero. Se essas motivações estão em competição na variedade carioca, o mesmo é verdadeiro para os dados do Iboruna.

Não deixa de ser passível de alguma suspeição, que alguma outra motivação não interna possa motivar essa tendência em sentido contrário de marcação de plural em relação à presença e à ausência de marcas. Reserva-se para um estágio posterior, após a análise do efeito das variáveis externas, a necessidade de cruzar a variável “paralelismo oracional” com as variáveis “gênero” e “escolaridade”, que também se mostraram estatisticamente significativas. O objetivo desse cruzamento é examinar se a presença de marcas em paralelismo não caracteriza o comportamento linguístico de algum agrupamento social em oposição ao comportamento de outro agrupamento, que teria como característica sua a ausência de marcas em paralelismo.

Com relação ao paralelismo sintagmático, pode-se dizer que esse grupo de fator é importante para se verificar a presença ou a ausência de marcação de plural no predicativo em relação à configuração flexional do verbo, como se pode ver na tabela 3.

Tabela 3– Relação entre paralelismo sintagmático: marcas do verbo e marcação explícita de plural

| Fatores | Freq. | % | PR |
|-------------------------------------|--------|----|-----------------------|
| Verbo com marca explícita de plural | 57/77 | 74 | 0,66 |
| Verbo nulo (elidido) | 6/8 | 75 | 0,54 |
| Zero verbal | 21/39 | 54 | 0,40 |
| Verbo sem marca de plural | 8/27 | 30 | 0,21 |
| Total | 92/151 | 61 | 0,66 (<i>input</i>) |

Na tabela acima, nota-se que há influência das marcas formais do verbo no predicativo, isto é, quando o verbo receber marcas de plural é grande a probabilidade de que elas apareçam, também, nas estruturas predicativas, como indica o peso relativo de 0,66. O contrário é verdadeiro, pois se não houver marcas em um determinado verbo, a chance de que o predicativo seja marcado é menor, como se pode ver no peso relativo 0,21. Dessa forma, há uma forte tendência de não se utilizarem as marcas formais dentro das estruturas predicativas quando o verbo não possuir marcas, ou seja, não estiver flexionado.

Há possibilidade de se fazer uma correlação entre os pesos relativos dos verbos com marcas e sem marcas de plural com o sujeito explícito com todos os elementos flexionados e com o sujeito explícito sem as marcas formais explícitas. Essa correlação

pode ser realizada da seguinte forma: quando um sujeito dispõe de todas as posições flexionáveis marcadas, o verbo dessa oração, normalmente, vai para o plural também, ou seja, o verbo também é flexionado.

Dessa maneira, observa-se que tanto verbo com marca explícita de plural quanto o sujeito com todos os elementos flexionáveis levam à presença de plural no predicativo. Da mesma forma, verbo sem marca de plural e sujeito explícito sem as últimas marcas formais acionam não marcação de plural no predicativo, como se pode ver nos exemplos de (5) abaixo.

(5) (a) os meus dentes estavam todos tortos (AC055/NE/L.055)

(b) As moça aqui em Mirassol ficou tudo abismada (AC129/NE/L071)

No entanto, é importante salientar que o princípio de paralelismo formal, que se deduz da comparação entre os fatores, não tem uma aplicação categórica, isto é, não é aplicável a toda comunidade de fala, mas representa apenas uma tendência significativa pela aplicação positiva de concordância no predicativo. Nem mesmo para a variedade em análise, trata-se de regra unânime de modo a não ser possível afirmar que o sujeito com marcas requeira sempre um verbo também flexionável. O que se deve reter aqui é que, na maior parte dos casos, na variedade estudada nesta pesquisa – a riopretana –, vê-se que a presença de marcas no sujeito aciona o mesmo no verbo e quando o sujeito não dispõe de marcas formais é frequente o uso de verbos também não flexionados. Essa correlação entre as marcas do sujeito e do verbo acaba por provocar efeito paralelo no predicativo.

Por último, observa-se, ainda, que a ausência de verbos dentro de uma sentença, também pode ser associada com a ausência de marcas de plural, já que o peso relativo de 0,60 indica favorecimento para ausência de marcação. Já quando o verbo pode ser elidido da estrutura, nota-se que seu peso relativo é neutro, ou seja, não influencia nem a ausência e nem a presença de marcas formais.

4.1. Influência dos fatores extralinguísticos

A marcação de pluralidade no sn é uma variável fortemente marcada por pressões normativas. A normatividade, que é um traço definidor das gramáticas tradicionais, pode ser entendida como “um ideal definido por juízos de valor e pela presença de um elemento consciente da parte das pessoas concernidas”. (ALEÓNG, 2001, apud BAGNO, 2003). A língua representada nas gramáticas tradicionais é a considerada correta, culta para grande parte de uma elite. No entanto, aquilo que está representado na gramática normativa não é realmente a realidade da língua falada em uso na comunidade. Os exemplos usados para configurar as regras nas gramáticas são comumente extraídos de textos literários muito distantes da realidade da língua falada pela população.

Esse modo de ver desencadeia um processo de preconceito linguístico, muito comum em relação à variedade não-padrão. Há a estigmatização social dentro de uma determinada comunidade linguística, visto que as regras da gramática normativa sempre são formuladas por pessoas de alta classe social e geralmente quem fala a norma não-padrão são as pessoas de classe social inferior, pois foi provavelmente pequeno o contato delas com a escola.

Por essa razão, é de grande importância analisar também o efeito das variáveis sociais. Com efeito, a diferença de escolaridade e de gênero são fatores que condicionam fortemente a presença ou a ausência de plural. As diferenças etárias,

apesar de ter sua relevância, não se mostraram muito significativas para o condicionamento da variável investigada. A inclusão das faixas etárias representou a necessidade de verificar se marcação ou supressão de pluralidade é uma variação estável ou se está sujeita à mudança em função da correlação possível entre o uso da variante conservadora e acréscimo gradual de idade, conhecida por distribuição do tempo aparente na literatura sociolinguística (cf. LABOV, 1972).

Inicia-se a análise pelas tabelas que representam as variáveis sociais gênero do informante e escolaridade, que foram selecionadas pelo pacote estatístico *varbrul* como as mais significativas estatisticamente. A tabela 4 mostra a relação entre gênero e marcação de pluralidade.

Tabela 4 - Relação entre gênero e marcação explícita de plural

| Fatores | Freq. | % | PR |
|--------------|--------|----|-----------------------|
| Feminino | 61/81 | 75 | 0,72 |
| Masculino | 31/70 | 44 | 0,25 |
| Total | 92/151 | 61 | 0,66 (<i>input</i>) |

A tabela 4 revela que as mulheres utilizam mais marcas de plural, indicada pelo peso relativo de 0,72 enquanto os homens as utilizam em menor frequência, como indica o peso relativo de 0,25. Essa conclusão, que se pode retirar da tabela acima, aparece nos estudos de Scherre (1996), vistos anteriormente. De acordo com a pesquisadora “as mulheres evidenciam que elas são mais sensíveis a atuação da escola do que os homens, no sentido de favorecer o uso da forma socialmente prestigiada”. (SCHERRE, 1996, p. 254). Dessa forma, pode-se dizer que a variável gênero feminino favorece o uso de marcas explícitas de plural enquanto a variável gênero masculino favorece a ausência de marcas, fato amplamente conhecido na literatura sociolinguística.

Passemos agora à análise dos resultados contidos na tabela 5, que mostra o efeito da escolaridade na marcação de plural.

Tabela 5 - Relação entre escolaridade e marcação explícita de plural

| Fatores | Freq. | % | PR |
|------------------|--------|----|-----------------------|
| 2° ciclo do E.F. | 12/34 | 35 | 0,15 |
| Ensino Médio | 39/65 | 60 | 0,60 |
| Ensino Superior | 41/52 | 79 | 0,65 |
| Total | 92/151 | 61 | 0,66 (<i>input</i>) |

Os resultados da tabela 5 permitem concluir que a incidência de marcas no predicativo é diretamente proporcional ao acréscimo de grau de escolaridade. Além disso, a tabela permite verificar, também, que os informantes no segundo ciclo do ensino fundamental praticamente desfavorecem o uso de marcas de plural. Há, com efeito, uma fronteira nítida entre informantes do ensino médio e superior e informantes do ensino fundamental em termos de probabilidade de marcação positiva de plural.

A utilização das marcas nos ensinos médio e superior é maior porque há um contato maior dos falantes com a atividade normativa imposta pelo sistema escolar que se aplica de forma rigorosa no processo pedagógico. Deve-se ressaltar que, embora a média percentual seja elevada para a presença de marcas, a incidência de 79% de marcas para os informantes de nível superior mostra claramente que a regra é variável mesmo para eles.

Ao analisar as variáveis sociais pode-se concluir que os resultados, deste trabalho, apresentam uma configuração normalmente interpretada como um padrão de

variação estável, isto é, as mulheres favorecem mais as formas de prestígio, devido a diversos fatores como a mídia – que se mostra mais atuante nas mulheres nas pesquisas de Scherre (1996). Outro fator importante é que a presença de formas de prestígio, como a marcação formal de pluralidade, é diretamente proporcional aos anos de escolaridade dos falantes. Devido a esses fatores, escolarização e gênero foram considerados as variáveis sociais mais importantes.

Em função dessa relevância, efetuou-se um cruzamento entre as variáveis gênero e escolaridade, para que se possa entender melhor o funcionamento delas como condicionantes de presença de marcas formais de pluralidade, que aparece exposto no gráfico 1.

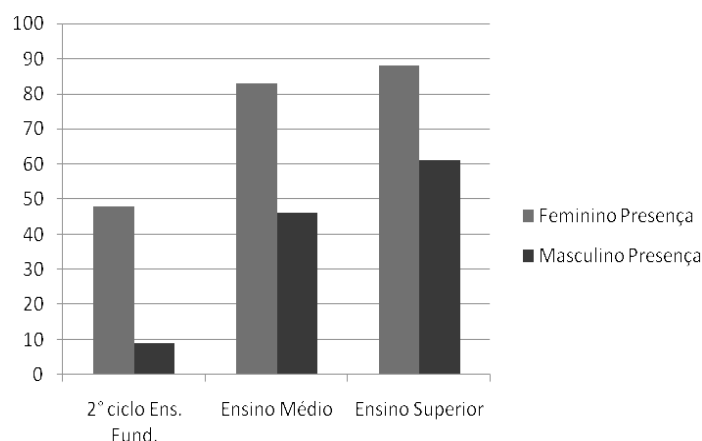


Gráfico 1: Cruzamento das variáveis gênero e escolaridade

Inicialmente é importante verificar que tanto os homens quanto as mulheres demonstram um crescimento no uso de marcas de plural, de acordo com o aumento do grau de escolaridade. Porém, para além das semelhanças, notam-se duas tendências diferentes no gráfico 1. As mulheres mudam drasticamente de comportamento do ensino fundamental para o ensino médio, mantendo o mesmo comportamento no ensino superior. Além disso, no ensino fundamental há mais equivalência na frequência com que as mulheres empregam marcas formais em relação à frequência com que não empregam. A partir do ensino médio, com uma frequência muito similar no ensino superior, mas progressivamente maior, as mulheres demonstram um apego muito grande às formas prestigiadas.

Os homens, por outro lado, embora também demonstrem tendência progressivamente maior de marcas explícitas, conforme acréscimo do grau de educação formal, eles apresentam uma frequência significativa na tendência para menor uso de marcas explícitas. Nota-se que os homens passam a usar as marcas formais mais tardiamente que as mulheres, apenas quando ingressam no ensino superior, eles conseguem inverter as frequências de uso com maior incidência à de marcas explícitas de plural do que de ausência de marcas. Os resultados não são surpreendentes nesse aspecto, já que é sobejamente conhecido que as mulheres são mais sensíveis ao padrão de prestígio do que os homens e, portanto, mais ligadas às mudanças possíveis provocadas pela exposição ao caráter prescritivo das gramáticas no âmbito escolar.

4.2. cruzamento dos fatores internos com os fatores externos

Vistos os resultados de forma isolada, tentar-se-á relacionar os fatores linguísticos aos extralinguísticos. É possível prever que determinadas estruturas linguísticas, em determinadas situações sociais dos falantes, são propensas a colocar ou não todas as marcas formais de plural nos elementos flexionáveis. Isso ficou mais evidente após ver todas as tabelas anteriores, pois, a partir delas, algumas conclusões já podem ser tiradas. O gráfico abaixo mostra o cruzamento entre paralelismo oracional e escolaridade:

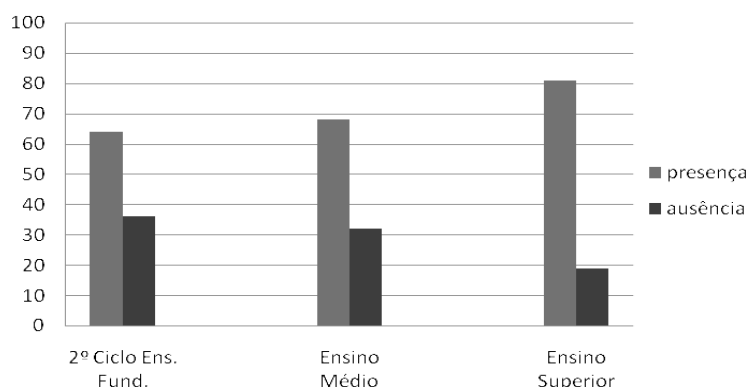


Gráfico 2 - Cruzamento da variável paralelismo oracional com a variável escolaridade

Como se pode notar, ao comparar as médias percentuais do gráfico acima, nos casos em que aparece um sujeito explícito com todos os elementos flexionáveis marcados, os informantes de 2º ciclo do ensino fundamental e de ensino médio usam com menor frequência as marcas formais de plural que os do ensino superior. Esse resultado não surpreende, pois, conforme discutido anteriormente, à medida que aumenta o nível de escolaridade, o informante passa a usar mais a forma normativa. Observa-se, portanto, um crescimento da coluna relativa à presença de marcas conforme o acréscimo de grau de escolaridade e, inversamente, diminui a coluna representando ausência. Os resultados obtidos nesse cruzamento vão ao encontro dos resultados de Scherre (1996), nos seus estudos sobre as variáveis sociais, conforme se observa pela seguinte afirmação:

(...) a escolarização parece agir como se nos primeiros anos escolares houvesse pessoas que aplicassem pouco a regra de concordância nominal e outras que aplicassem bastante. Já nos anos terminais tende a haver pessoas que aplicam mais a regra de concordância nominal. (SCHERRE, 1996, p. 248)

Outro cruzamento pertinente é a relação entre paralelismo oracional e gênero, como se pode notar no gráfico 3.

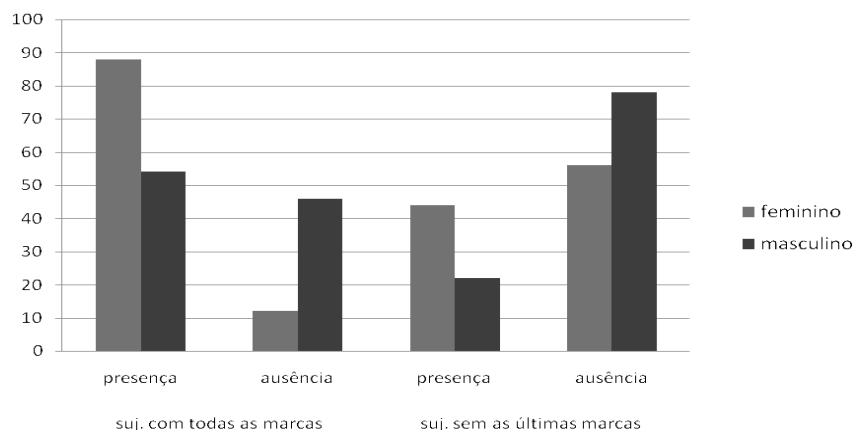


Gráfico 3 - Cruzamento da variável *paralelismo oracional* com a variável *gênero/sexo do informante*

É bem evidente no gráfico 3 que as mulheres utilizam mais as marcas formais de plural no sujeito com a presença de marcas em 88% dos predicativos. Já as médias mostradas pelos homens são mais discretas, sem grande discrepância entre elas, já que os valores para ausência e para presença se acham próximos de 50%. Essa afirmação torna-se mais forte quando se vê o terceiro conjunto de colunas, mais precisamente a coluna preta, que representa o comportamento masculino, onde se vê um índice de apenas 22% de marcação de pluralidade. As mulheres são, em geral, mais sensíveis às formas de prestígio, conforme afirma Scherre (1996):

(...) as mulheres fazem mais concordância do que os homens (...) os dados das mulheres evidenciam que elas são mais sensíveis à atuação da escola do que os homens, no sentido de favorecer o uso da forma socialmente prestigiada. (p. 253-254)

O gráfico, a seguir, mostra o cruzamento da variável gênero com os fatores verbo com marcas de plural e verbo sem marcas de plural, elementos mais significativos do grupo de fatores ‘marcas do verbo’. É importante salientar que, mais uma vez, a sensibilidade feminina para marcas formais está perfeitamente representada no gráfico 4.

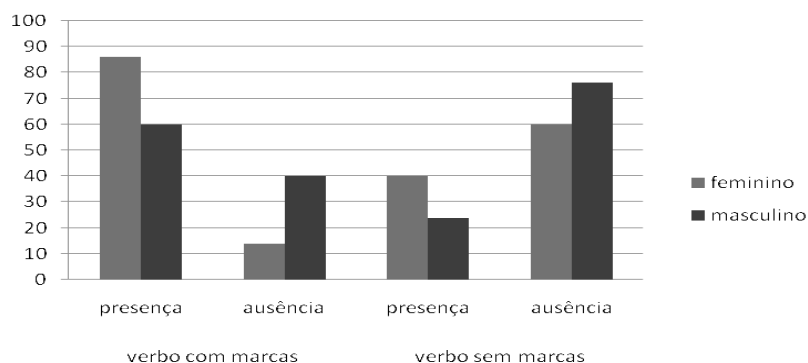


Gráfico 4: Cruzamento dos fatores verbo com marcas de plural e verbos sem marcas de plural com a variável gênero/sexo

Quando se trata da presença de marcas de pluralidade, observa-se que as colunas que representam o gênero feminino (cor cinza) são sempre maiores que as colunas pretas do gênero masculino, representando a tendência das mulheres pela marcação positiva de plural. Quando se tratar de verbos com marcas formais, as mulheres marcam o plural nos predicativos em 86% dos casos. Já esse índice cai para 60% no comportamento masculino. Além disso, a diferença entre ausência e presença é bem reduzida no comportamento masculino, se comparado ao do feminino.

5. Considerações finais

O conjunto de dados analisados ao longo deste trabalho permite concluir que a concordância no predicativo no português falado do Brasil está definitivamente arraigada na comunidade como uma autêntica regra variável. Um dos fatores mais relevantes no condicionamento da marcação de pluralidade no predicativo é o princípio do paralelismo formal, considerando que a ausência ou a presença de marcas na forma precedente leva a ausência ou presença de marcas na forma subsequente.

Outra hipótese que se confirma é a influência dos fatores sociais, principalmente escolaridade e sexo, como favoráveis para a marcação explícita de plural no predicativo. A análise de gênero permite interpretar a distribuição dos dados como um padrão de variação estável, segundo o qual as mulheres favorecem mais as formas de prestígio do que os homens, certamente por causa do apego maior que elas demonstram para a variedade padrão e para o prestígio das formas marcadas.

A análise do fator escolaridade permite deduzir a existência de uma relação diretamente proporcional entre acréscimo de educação formal e marcação de pluralidade no predicativo. A relevância dessa variável decorre do fato de ser a escola capaz de operar mudanças na fala e na escrita de pessoas que a frequentam em função de sua atuação como agente responsável pela preservação da variedade padrão e da distribuição de prestígio na comunidade. Além disso, reconhece-se que a escola controla alguns fenômenos de mudança nos quais se incluem processos regulares de concordância nominal e verbal.

É possível perceber, ainda, mediante o cruzamento de gênero e escolaridade, que as mulheres passam a usar mais as marcas no ensino médio e os homens, mais tardiamente, no ensino superior; além disso, foi pertinente verificar que, somente nessa etapa do processo de escolaridade, o grupo masculino é capaz de inverter a frequência de ausência para presença de marcas.

No estudo do *córpus* Iboruna, ainda novo e desconhecido, encontraram-se muitas semelhanças com os estudos de Scherre (1991), realizado com um *córpus* mais antigo e tradicional. Foi possível notar que a maioria dos índices estatisticamente significativos esteve muito próxima dos resultados a que essa autora chegou, como se as hipóteses que os resultados dela sugeriram se confirmaram nos dados do Iboruna.

Os resultados que se mostraram diferentes têm a importância científica de concluir que comunidades fisicamente afastadas não têm um comportamento sociolinguístico igual e é justamente essa heterogeneidade dialetal que tem fascinado a pesquisa sociolinguística.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 39-70.

KIPARSKY, P. Explanation in phonology. In: PETERS, S. (Ed.) *Goals of linguistic theory*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1971. p. 189-227.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Revista Tempo Brasileiro*, v.53/54, p. 61-94, 1978.

POPLACK, S. Deletion and Disambiguation in Puerto Rican Spanish. *Language*, , v. 56, n. 2, 1980, p. 371-385.

SANKOFF, D. *VARBRULE2*. Mimeographed, Université de Montréal, 1975. (mimeografado)

SCHERRE, M. M. P. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*. Porto Alegre, v. 5, n. 17, 1991.

_____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. v.12, p. 37-49. dez. de 1994.

_____. Sobre a Influência de Variáveis Sociais na Concordância Nominal. In: SCHERRE, M. M. P.; SILVA, G. M. O. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.